

## **DO FAZ-DE-CONTA À FORMAÇÃO DE LEITORES ONDE ENTRA A INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA**

### **RESUMO**

Este artigo tem como objetivo, analisar as condições de leitura no contexto escolar, e observar como a intervenção pedagógica reflete no processo de ensino e aprendizagem no contexto do faz-de-conta à formação de leitores.

Em uma sociedade como a nossa, onde vivemos esta “globalização” geral, muito pouco tempo tem se conseguido disponibilizar em nossas escolas, entre a rotina de pais e professores, para discutir as condições de leitura no contexto escolar.

No entanto, no contexto deste mundo moderno, onde o trabalho e a mídia tem ocupado a maior parte do tempo da vida do homem, um dos únicos redutos onde as crianças tem chance de desenvolver o hábito da leitura é a e na “escola”.

Porém, não basta apenas colocar a criança em contato com o livro na escola. Apesar do interesse da população pelo material impresso, é preciso, por um lado, iniciá-lo nos caminhos da interpretação do texto literário, que emprega múltiplos recursos para construir o sentido. Por outro lado, é preciso repensar o sistema ligado ao livro: a escola, a biblioteca, a livraria, a família e os meios de comunicação.

No ensino fundamental, percebemos que a criança aprende a ler o mundo nos primeiros anos de vida e a função social da escola deveria ser de direcionar essa leitura para situar o leitor no mundo letrado. Mas nem sempre isso acontece

ou é possível, e a intervenção pedagógica como mediadora deste processo é importante na medida que “abre” estas novas oportunidades para que a criança internalize este aprendizado.

**Palavras chave:** formação de leitores, processo de ensino-aprendizagem, intervenção pedagógica.

## INTRODUÇÃO

As dificuldades encontradas pelo professor para desenvolver atividades de leituras na escola a partir das séries iniciais acabam provocando algumas mudanças na rotina pedagógica, fazendo com que o leitor não se sinta motivado à leitura. “A literatura pode servir de “ponte” para uma compreensão maior do mundo” (ARTHOF,2002,)

É na infância que se adquire os hábitos que nortearão o comportamento do homem. É na criança que estão todas as potencialidades e principalmente disponibilidades de internalização dos hábitos adquiridos: o prazer de conhecer, de brincar, ouvir, de criar e de ler. “A leitura propõe o vôo, a viagem, as descobertas e as aventuras. Cada um voa, viaja, descobre e se aventura com asas que são suas, levando no vôo a bagagem própria.” (SILVA 1996. p. 22)

Preocupados com a leitura literária que o professor realiza para as crianças na escola, surgem alguns questionamentos como:

- quais os meios que o professor utiliza para organizar situações de faz-de-conta através da literatura infantil?
- Como o professor escolhe o livro para despertar o leitor para o mundo mágico da leitura?

“A importância e necessidade do ato de ler, para professores e alunos, são irrefutáveis, porém é necessário analisar, criticamente, as condições existentes e as formas pelas quais esse ato é conduzido no contexto escola.” (SILVA, p. 3)

Nos primeiros anos de escolaridade, a leitura literária é uma experiência enriquecedora para a formação integral do ser. “Todo mundo sai a toda, correndo atrás, do colega, é preciso estar esperto, na hora do pega-pega.” (AZEVEDO, 2002, p. 13). A leitura consegue alimentar e enriquecer o cotidiano da criança, pois uma boa leitura é divertimento e prazer.

## **O PAPEL DO PROFESSOR FORMADOR DE LEITORES**

Numa sociedade pluralista como a nossa, em que as relações entre povos, grupos e indivíduos se tornam cada vez mais complexas pela diversidade de culturas e de concepções do universo, a leitura manifesta-se como uma das condições indispensáveis a própria sobrevivência e ao desenvolvimento intelectual do ser humano. “A promoção da cultura é uma responsabilidade de todo o corpo docente de uma escola e não apenas dos professores de língua portuguesa.” (SILVA, 1995, p. 24)

Sabemos que a leitura é uma experiência de vida e a escrita é o registro histórico dessas experiências. Embora, muitas vezes, a leitura seja um ato solitário e parado, mas é no silêncio da leitura de um bom texto que se estabelece a possibilidade do sujeito leitor sair de um possível estado de estagnação pondo-se a criar. O prazer de ler faz com que adquiramos conhecimentos. O gosto pela leitura ajuda o leitor a voar pelo mundo da magia. Quem não está acostumado a realizar vôos se perde...

Embora a leitura seja um ato individual é também um ato social, porque é resultante de discursos e falas de indivíduos de uma determinada época, tempo, lugar e cultura; é por isso que ela pode ser individual e universal.

Nesse sentido, não caberá somente à escola o ensino da leitura. A família pode ajudar seus filhos a ler e se interessar pela leitura, fazendo com que o encontro do leitor com o texto seja um caminho suave e prazeroso, para a criança explorar o que mais deseja e sonha. “Aprender a ler não envolve nenhuma atividade que as crianças já não tenham exercitado para entender a linguagem falada em casa ou para encontrar sentido no mundo visual que as cerca.” (SMITH, 1999, p. 13)

O gosto pela leitura ajuda o leitor a voar pelo mundo maravilhoso da magia. Quem não está acostumado a realizar esse vôo se perde no emaranhado de idéias, pensamentos e sentimentos, pois o mundo interior está confuso e desorganizado. “ Vou inventar o meu rio do azul de um longo trapo, vai ser de brinquedo, lindo rio de farrapo” (ARTHOF, p. 7, 2002).

Se uma sociedade não sabe qual caminho seguir não ficará sabendo o que existe neste mundo tão próximo e ao mesmo tempo tão distante.

Nos tempos de nossos avós, saber ler e escrever era supérfluo e destinado somente às classes altas, mas com o passar dos tempos isso foi mudando; a leitura e a escrita passaram a ser uma necessidade, assim como comer e beber, pois quem ainda não sabe ler e escrever está excluído do mercado de trabalho, dos grupos sociais alfabetizados. Por causa deste tipo de exclusão, a leitura e, conseqüentemente, a escrita, estão se expandindo na sociedade e passando a ser fator essencial na vida das pessoas. Por isso a habilidade de ler e entender os acontecimentos da vida do ser humano no ensino fundamental, é conseguido no dia-a-dia através de intervenção pedagógica do professor, auxiliando a criança em suas descobertas e conquistas.

Para uma comunidade que pretende democratizar-se, é necessário que os profissionais da educação sejam responsáveis pela iniciação da leitura e estes devem ser bons leitores. Embora essa não seja, muitas vezes, a experiência do professor, é necessário que o verdadeiro educador leia muito, goste de ler, que se envolva com o que lê e desvende o

verdadeiro significado da sua prática, enquanto formador de leitor. “Para a criança que frequenta a escola o aprendizado escolar é elemento central no seu desenvolvimento.” (SILVA, 1999, p. 62)

Consideramos que a leitura, enquanto processo histórico e prática social, tem implicações positivas para a escola, no sentido de que uma prática constante da leitura bem trabalhada e estruturada acarretará, a médio e longo prazo, ações modificadoras de comportamento, tanto do professor como do aluno.

A leitura inicia-se no próprio contexto sócio-cultural onde vivemos, a partir da nossa história de vida, nossos ideais, de nossos conhecimentos de mundo.

“Os sistemas de representação da realidade – e a linguagem é o sistema simbólico básico de todos os grupos humanos – são, portanto, socialmente dados. É o grupo cultural onde o indivíduo se desenvolve que lhe fornece formas de perceber e organizar o real, as quais vão constituindo os instrumentos psicológicos que fazem a mediação entre o indivíduo e o mundo”. (SILVA, p. 62)

## **ESCOLA - ESPAÇO PRIVILEGIADO PARA DESPERTAR O GOSTO PELA LEITURA**

A escola, como está concebida, deveria ser o espaço privilegiado da leitura como experiência de vida para os alunos e professores. Infelizmente ainda faz parte da pedagogia da leitura em muitas escolas, que ela não é para ser vivida, mas para ser estudada. O professor substitui a magia da leitura pela lição de leitura. Essa pedagogia aprisiona alunos e professores em metodologia de leitura mecânica e superficial, e as escolas vão transformando o próprio ato de ler num processo de não leitura, contribuindo assim para a formação do não leitor.

Nesse sentido, o contato com o livro que deveria apresentar uma porta aberta para o mundo; converte-se numa experiência limitada e desprazerosa, contrariando dessa forma o princípio da leitura como fonte de prazer e de saber. A

leitura que se identifica com tarefas, deveres, com situações desagradáveis e pouco gratificantes, não se compara com a diversão e o bem estar pessoal sentidos pelo leitor, quando a via de leitura é o prazer.

Como diz AZEVEDO 1991, p. 60), “à escola não cabe apenas ensinar a ler ou fornecer informações, mas enriquecer o aluno com a aquisição de instrumentos para seu processo de permanente auto-formação.”

Não é possível atribuir só à escola a responsabilidade pela antipatia com relação a leitura. Esta tem o desafio de fazer crescer em seus alunos a vontade de descobrir a leitura muito mais como um desejo, do que como obrigação. Ensinar a criança, o adolescente ou o adulto, a descobrir a leitura, numa dimensão lúdica e prazerosa, é a função pedagógica e mediadora do professor. “Adubar paixões é algo que se faz na reflexão sobre a própria prática, não em algumas semanas de treinamento” (FERREIRO,1993)

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para aprender a ler, os educandos necessitam perceber a leitura como um desafio interessante, algo que os provoque, e os educadores devem interferir, fazendo a intervenção pedagógica, proporcionado - lhes essa autonomia que será tão útil para a escola como para a vida. “A criança não tem condições de percorrer sozinha, o caminho do aprendizado. A intervenção de outras pessoas – que, no caso específico da escola, são o professor e as demais crianças – é fundamental para a promoção do desenvolvimento do indivíduo.” (SILVA, p. 62)

O ensino e o incentivo da leitura representam, portanto, um objetivo básico de todo sistema educativo.

Numa sociedade desigual, a participação do ser humano é mediada pela leitura, habilidade esta que não está ao alcance de todos, nem mesmo daqueles que foram à escola. “Tudo o que ensina na escola está diretamente ligado a leitura e depende dela para se manter e desenvolver.” (CAGLIARI, 1994, p. 40)

O objetivo primordial do professor é, acima de tudo, levar o leitor potencial a descobrir o valor lúdico do livro, que essa descoberta o ajude na leitura ativa e o leve a identificar a diversidade de materiais que se encontram a seu alcance. Para BARBOSA, 1994, p. 108), “a leitura é uma espécie de exercício espiritual; treina não para a literatura, mas para a vida.”

Portanto, não basta ensinar a ler, é preciso criar o hábito da leitura. Hábito que começa a partir dos primeiros anos de vida do indivíduo e complementa-se na escola. “Na escola o aprendizado é um resultado desejável, é o próprio objetivo do processo escolar, a intervenção é um processo pedagógico privilegiado.” (FERREIRO,1993)

Ao professor cabe promover ações, através da intervenção pedagógica , de sensibilização e motivação, para provocar na criança avanços no sentido de interagir com o texto. “O único bom ensino, afirma Vygotsky, é aquele que se adianta ao desenvolvimento.” (BARBOSA, p.62)

Na educação, nós como educadores temos o papel de fazer nossos educandos avançar em seu encontro com o livro, iniciando sua caminhada como leitores. É preciso utilizar a literatura com toda a sua diversidade de textos e especificidade de ações, como um meio de trazer para sala de aula a possibilidade de formar, tanto o leitor adulto como o leitor infantil.

Tomar consciência de que apesar de tudo o que foi feito em termos de educação para a formação de leitores “ainda somos os mesmos” e contamos as mesmas histórias que ouvimos de nossos pais ou de nossos professores. Precisamos mudar. Precisamos ler mais.

Mudar significa antes de tudo vivências pessoais para incorporar o espírito lúdico em nossas vidas: significa mais, pesquisar e ler. Eis aí o primeiro passo para que nosso trabalho com a formação de leitores saia do lugar do “ faz-de-conta” e assuma o papel de formadores de leitores que atendam às necessidades e às expectativas de nossos alunos, e os leve a interpretações críticas, a entendimentos reais do que a boa leitura proporciona.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTHOF, Sylvia. **A viagem do barquinho**. Moderna: São Paulo, 1986.

AZEVEDO, Ricardo. **Armazém do folclore**: Poemas desengonçados. Ática: São Paulo, 2002.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 1994.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e lingüística**. 6. ed. São Paulo : Scipione, 1993. (Série) Pensamento e Ação no Magistério)

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**. 9. ed. São Paulo : Cortez, 1993.

**SILVA, Ezequiel Theodoro da. A formação do professor e a questão da leitura**. Passo Fundo: Ediupf, 1996.

SMITH, Frank. **Leitura significativa**. 3. ed. Porto Alegre : Artes Médicas Sul, 1999.







